



# PASTORAL DA TERRA

Comissão Pastoral da Terra

Julho a Setembro de 2011

Ano 36 – Nº 205

**“Salve a teimosia profética  
das vozes que clamam por justiça!”  
Romarias da Terra e da Água**

págs.: 8 e 9



**Nuestra América: resistência do povo chileno e  
violência contra camponeses na Guatemala**

pág. 13



Foto: Rocio Alorda

## EDITORIAL

## Entre marchas e romarias

A edição passada do Pastoral da Terra deu destaque à violência que se desencadeou contra trabalhadores e trabalhadoras do campo, sobretudo assassinatos e ameaças de morte que se sucederam em poucos dias, ao mesmo tempo em que a Câmara dos Deputados aprovava o novo Código Florestal Brasileiro.

Agora quando se fechava esta edição, mais uma liderança do campo caiu vítima da violência. Em Marabá, em 25 de agosto, foi assassinado Valdemar Oliveira Barbosa, conhecido como Piauí, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Marabá que há mais de um ano coordenava uma ocupação na Fazenda Califórnia, em Jacundá, PA, de onde as famílias foram expulsas. Piauí planejava reocupar a área.

Apesar de tudo o povo continua caminhando, está em Romaria. As diversas Romarias da Terra e das Águas que aconteceram e acontecem Brasil afora deixam claro que ninguém pode deter a caminhada do povo. O caminho pode estar cheio de tropeços, podem-se impor barreiras, atravancar as estradas, como acontece com os quilombolas no Maranhão, com os camponeses da Guatemala e outros de nossa América, mas o povo continua em marcha acreditando que é possível se construir um outro mundo. Os que tombaram se tornam faróis a iluminar o caminho a seguir.

Outras caminhadas, como a Marcha das Margaridas, o acampamento e as manifestações da Via Campesina, a Marcha do MLST, indicam a disposição de seguir adiante, apesar de tudo. A celebração do dia do Trabalhador Rural - pequeno agricultor, colono, camponês - nos provoca a refletir: "Quando pessoas simples e humildes se levantam do chão como plantas que querem florir, é porque a terra cultivou seus corações e mentes e aprenderam na vida que é preciso lutar para viver", como diz frei Pilato Pereira. E Horácio Martins lembra que "a semente crioula é o primeiro passo para a libertação dos camponeses da subalternidade à forma de pensar capitalista."

A reflexão bíblica de Sandro Gallazzi nos alerta. É preciso estar atentos porque os belos projetos, os sonhos de uma sociedade justa e irmã, podem se deixar contaminar por interesses de poder que, como cupins, corroem a estrutura da casa e a fazem desmoronar.

Na caminhada dos últimos anos, os camponeses e camponesas contaram com o apoio e o estímulo da Igreja que comemora os 50 anos da Encíclica Mater et Magistra de João XXIII, que trouxe "para o horizonte da questão social os graves problemas do setor agrícola e dos trabalhadores do campo." "No Brasil, a herança mais fecunda da Mater et Magistra encontra-se na criação e nos trabalhos da Pastoral da Terra e no documento da CNBB, maduro e inovador, em termos de doutrina social da Igreja, A Igreja e os problemas da terra (1980)", assevera o Pe. José Oscar Beozzo.

E agora somos convocados para o processo da 5ª Semana Social Brasileira, aprovada pela Assembleia da CNBB. A Quinta Semana Social propõe que juntemos forças para que se possam debater e apresentar propostas concretas para a democratização do Estado brasileiro, dominado por pequenos grupos do poder econômico, que acham bonito ver o povo brincar de democracia em tempo de eleições, desde que eles continuem a decidir o que e como deve ser feito.

Boa leitura!



## Onde estão as deusas? - Ana Luisa Cordeiro



A autora, que trabalhou na Secretaria Nacional da CPT, convida-nos a não fazer meramente uma descoberta intelectual da presença de Ashera na Bíblia. Está convencida de que a memória da Deusa-Mãe em Israel permite utilizar a Bíblia como ferramenta para tomarmos consciência das estruturas de exclusão presentes no próprio texto, bem como na história de sua interpretação.

O objetivo de Ana Luísa neste trabalho é resgatar a experiência com a Deusa-Mãe para melhor contribuir na construção de relações justas em todas as dimensões da vida, de modo que seja vivida em plenitude. Esta espiritualidade ajuda no resgate da autoestima pessoal e coletiva, superando a inferioridade e a culpa a que foram submetidas as mulheres, como destaca a autora: "Algumas funções femininas são quase sempre canalizadas como atributos de um Deus caracteristicamente masculino. Acredito pessoalmente que a experiência com a Deusa possibilita falar do universo sagrado a partir do universo feminino sem necessitar da intermediação masculina. Isso ajudará a reforçar o caminho da igualdade. As relações de gênero precisam estar alicerçadas na parceria e no respeito." O livro foi publicado pelo CEBI.

## Recuperação e Preservação de Nascentes de Água - CPT Goiás

Recuperação e Preservação de Nascentes de Água é uma cartilha elaborada a várias mãos por agentes da CPT Goiás e técnicos da Emater, onde são apresentados alguns procedimentos e maneiras adequadas para a recuperação e preservação de nascentes de água, sendo fruto do projeto "Nascentes de Água: Fonte de Vida!". O projeto promoveu a recuperação de cinco unidades de nascentes de água em comunidades de camponeses da agricultura tradicional e da reforma agrária. Ele contemplou, ainda, educação ambiental, catalogação de espécies de árvores e gramíneas próprias para recuperação, e assessoria especializada no correto manejo das nascentes e matas ciliares, bem como sua utilização consciente.



É uma publicação da Comissão Pastoral da Terra - ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).  
Secretaria Nacional: Rua 19, nº 35, ed. Dom Abel, 1º andar,  
Centro, Goiânia, Goiás. CEP 74030-090.  
Fone: 62 4008-6466. Fax: 62 4008-6405.  
www.cptnacional.org.br comunicacao@cptnacional.org.br

Presidente  
Dom Ladislau Biernaski

Vice-presidente  
Dom Enemésio Lazzarin

Coordenadores Nacionais  
Padre Flávio Lazzarin  
Edmundo Rodrigues  
Lucimere Leão  
Isolete Wichinieski  
Padre Hermínio Canova  
Padre Dirceu Fumagalli

Redação  
Cristiane Passos  
Antônio Canuto  
Paula Pereira  
Rede de comunicadores da CPT

Jornalista responsável  
Cristiane Passos (Reg. Prof. 002005/GO)

Impressão  
LSV Produção Gráfica Ltda.

Diagramação  
Vivaldo Silva Souza

APOIO  
EED  
Evangelischer Entwicklungsdienst

Brot Für Die Welt  
Pão para o Mundo

Fundação Eugen Luther

MZF  
Missionzentrale der Franziskaner e. V.  
CCFD

ASSINATURAS

Anual R\$ 10,00.

Pagamento pode ser feito através de depósito no Banco do Brasil, Comissão Pastoral da Terra, conta corrente 116.855-X, agência 1610-1.

Informações canuto@cptnacional.org.br



## Silvio Tendler, "O veneno está na mesa"

Foto: Diana Helena SOLTEC-UFRJ



No último dia 25 de julho, foi lançado no Rio de Janeiro o documentário "O Veneno está na Mesa", de Silvio Tendler. Em cerca de 60 minutos, o filme mostra como o país facilita o consumo dos agrotóxicos e como movimentos sociais e setores do próprio governo como a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e o Instituto Nacional do Câncer (Inca) têm tentado, de formas distintas, alertar sobre o problema. Com entrevistas de trabalhadores rurais, pesquisadores da área da saúde e diversos dados e informações inéditas, o documentário denuncia

casos de contaminação pelo uso de agrotóxicos, inclusive com a morte de um trabalhador, e mostra como é possível estabelecer outro modelo de produção sem o uso de venenos, baseado na agroecologia. Em estreia lotada, com a presença de mais de 700 pessoas, Silvio Tendler pede que o filme circule por todo o país. A discussão do tema se faz cada vez mais importante, já que o Brasil é o país do mundo que mais consome agrotóxicos. São 5,2 litros/ano por habitante. Muitos desses produtos estão proibidos em quase todo o mundo pelo risco que representam à saúde pública.

## Documentário mostra conflito na base de Alcântara - MA

"Tecnologia? Eles estão desenvolvendo para eles. Minha casa é de barro e a gente vive da roça." A frase é de uma moradora da comunidade quilombola de Alcântara, a 50 km de São Luís, no Maranhão, no documentário "Céu sem Limites" (2011). O filme foi lançado em 25 de julho e é um ensaio antropológico sobre o conflito que dura mais de 30 anos entre os quilombolas e o Programa Espacial Brasileiro, feito em parceria com a Ucrânia. O enredo traz a história de cerca de 3.000 famílias de remanescentes de quilombos que vivem na área que é considerada a melhor do mundo para o lançamento de foguetes, por causa da proximidade com a linha do Equador, o que possibilita a economia de combustível. O documentário percorre hábitos e crenças dos moradores. Para o antropólogo da Unesp (Universidade Estadual Paulista) Dagoberto José Fonseca, coordenador do Cladin (Centro de Estudos das Culturas e Línguas Africanas e da Diáspora Negra), o deslocamento das famílias para outras áreas é prejudicial. "No novo território, a

comunidade se quebra", diz. O principal problema é que os quilombolas vivem da pesca. Mas as terras para onde parte deles foi levada não são agricultáveis (e pouco férteis, reclamam os quilombolas). "Isso faz com que muitos acabem migrando para São Luís. Como não estão preparados para a vida urbana, entram para a criminalidade."

## Liderança de ocupação é assassinada em Marabá

No dia 25 de agosto, por volta das 10 horas da manhã, dois pistoleiros que trafegavam em uma moto de cor preta, com capacetes, assassinaram a tiros Valdemar Oliveira Barbosa, conhecido como Piauí. Valdemar trafegava de bicicleta pelo bairro de São Félix, em Marabá, quando foi assassinado. Ele era casado e, atualmente, estava residindo na Folha 06, no bairro Nova Marabá. Valdemar era sócio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Marabá, coordenou por vários anos um grupo de famílias que ocupou a fazenda Estrela da Manhã, no município de Marabá-PA. Valdemar, há mais de um ano, passou a coordenar um grupo de famílias que ocuparam a Fazenda Califórnia no Município de Jacundá. No final do ano passado as famílias foram despejadas da fazenda pela Polícia Militar do Pará. Piauí não perdeu o contato com as famílias

e ameaçava voltar a ocupar novamente a Fazenda. De acordo com informações obtidas pela CPT, a Fazenda Califórnia está localizada a 15 km de Jacundá e, além de pecuária é envolvida com a atividade de carvoaria. Pistoleiros teriam sido contratados pelo fazendeiro para impedir uma nova ocupação do imóvel. O assassinato de Piauí pode ter ligação com a tentativa de reocupação da fazenda. Após o assassinato dos extrativistas José Cláudio e Maria do Espírito Santo, esse é o quarto trabalhador assassinado, somente no Pará, do mês de maio até agora. Após três meses, apenas os assassinatos dos extrativistas de Nova Ipixuna foi parcialmente investigado. Dos seis homicídios ocorridos no estado nesse período, ninguém foi preso até o momento. Segundo informações veiculadas na imprensa, Piauí já vinha denunciando à Polícia Civil ameaças de morte, desde maio desse ano.

## Jornada de Agroecologia: Reforma Agrária garantirá soberania alimentar

Educação do campo desde a primeira infância à universidade, infraestrutura social, incentivo à produção, pesquisa científica, assistência técnica e Reforma Agrária estão entre as políticas públicas necessárias para o fortalecimento da agricultura camponesa agroecológica no país. Essas medidas estão na carta final da 10ª Jornada de Agroecologia, que reuniu mais de 4 mil pessoas, além de autoridades de âmbito federal, estadual e municipal, no Campus da Universidade Estadual de Londrina (UEL), entre 22 e 25 de junho. O documento aponta a permanência dos investimentos públicos na expansão do agronegócio e a concentração das terras brasileiras nas mãos de latifundiários como obstáculos para a agroecologia. Os participantes da 10ª Jornada de Agroecologia, vindos de



Foto: Leandro Taques

diferentes regiões do Brasil e de outros países da América Latina reafirmaram o compromisso com a Agroecologia, dando continuidade à luta por uma Terra Livre de latifúndios, Sem Transgênicos e Sem Agrotóxicos, e pela construção de um Projeto Popular e Soberano para a Agricultura.

## Festa e Feira das Sementes, Mudas e Raças Crioulas em Defesa da Biodiversidade

A Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão (GO) sediou, de 7 a 10 de julho, a Festa e Feira da Biodiversidade e Sementes Crioulas e o Seminário Estadual sobre Biodiversidade e Sementes Crioulas. O evento foi uma iniciativa do Movimento Camponês Popular (MCP), juntamente com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB). O encontro contou com participantes de mais de 50 municípios de Goiás e de outros estados como Minas Gerais, Pará, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Tocantins, além de países como Moçambique e África do Sul, e convidados de países da América Latina. Um dos principais objetivos do evento foi impulsionar o trabalho com sementes crioulas das famílias camponesas na região do bioma Cerrado. Outro objetivo foi colaborar com organizações camponesas de países africanos e da América Latina, através de intercâmbio de experiências. A mesa de debates



Foto: MCP

da tarde do dia 08/07, trouxe como tema, "Os desafios do Camponato frente ao grande capital", focando a importância das sementes crioulas na luta contra o capital no campo, tema tratado por Dom Tomás Balduino, da CPT, e por Ademar Bogo, do MST. O trabalho de resgate das sementes, mudas e raças crioulas surge pelo fato de algumas famílias camponesas já possuírem experiências de plantio de sementes próprias.

## CPT'S DO CERRADO

## Os Cerrados são muitos! Desafio para a CPT

ALEXANDRE GONÇALVES\*

É comum lembrar da expressão “Rosaliana”: as Minas são muitas, numa ideia de unidade/diversidade. Podemos dizer também que os Cerrados são muitos!!

São vários os tipos fisionômicos: Mata Ciliar, de Galeria, Mata Seca e Cerradão – as florestas. Cerrado sentido restrito, Parque de Cerrado, Palmeiral e Vereda – as savanas. Campo Sujo, Rupestre e Limpo – as campestres. Grande variedade de solos. O relevo que marca as chapadas, as encostas, serras, baixadas e veredas. A água corre por dentro dessa diversidade, religando e conectando esse imenso sistema biogeográfico que é o Cerrado - ou os Cerrados. Dentro desse universo, as populações nativas. Através de arranjos entre a agricultura e extrativismo, convivem com a natureza. Consubstancia-se uma diversidade gigantesca. Falamos dos Geraizeiros, Geraizenses, Retireiros, Pescadores, Vazanteiros, os do Vão, dos Pantanaís, das Veredas....

Um mundo nada simples de encaixar em definições. A própria compreensão da extensão desse bioma é

polêmica. Existe o Cerrado Contínuo, ou Central. E aquele em áreas de transição com outros biomas. E como lembra o professor Altair, o Cerrado “prolongando-se na forma de línguas e enclaves por grande parte da Amazônia Sulamericana, alcançando áreas localizadas até mesmo ao norte do rio Amazonas”.

Além da rica biodiversidade, este bioma tem uma função hidrológica fundamental para grande parte das bacias hidrográficas brasileiras. Vêm do Cerrado as águas do São Francisco, Tocantins/Araguaia, Bacia do Paraná/Paraguai e outras. Por isso chamado como Caixa d'água do Brasil ou Pai das águas. Tem uma inter-

dependência com os demais Biomas do Brasil. Como um manto vital que sustenta a “ecologia” do Brasil. Interação e biodiversidade ainda muito pouco conhecida pela ciência.

A forma de ver esse bioma também é diversa. Ele foi considerado por muito tem-

al de desmatamento foi de 54.629 Km²!!!! Pesquisadores estimam que apenas 20% do bioma está conservado.

O que era a diversidade, vira uma paisagem monótona, homogênea. Um rastro de destruição gigantesco que expulsa famílias e acaba com a possibilidade de vida a médio prazo. As previsões são catastróficas.

As chapadas, que compõem grande parte do Bioma, cumprem o papel de caixa d'água, mantendo durante todo o ano a dinâmica hídrica de grande parte do Brasil. Com o agronegócio as áreas são totalmente desmatadas e suas águas abastecem um conjunto enorme de pivôs centrais. A água não chega nos rios, nas veredas, nos ambientes úmidos. A ganância do agronegócio continua, desenfreada, com apoio quase que irrestrito dos governos. São intensos os investimentos no agronegócio – 107 bilhões no plano safra deste ano - e na infraestrutura para exportar essa produção. O ministro da Integração Nacional fala em dobrar a área de irrigação no Brasil em quatro anos

(hoje estão estimados em 4,4 milhões de hectares irrigados). Esse modelo tende a avançar. E os conflitos a se intensificar. A gestão pública das águas é uma grande farsa. As outorgas, muitas vezes, são dadas sem critérios, sem considerar as reais ofertas, demandas e a ecologia dos cursos d'água. Os licenciamentos ambientais são apenas processos burocráticos e de legitimação. (FIGURA)

O Cerrado (s) está em disputa. Do outro lado do conflito, as populações tradicionais que há muito convivem nos Cerrados. Esses camponeses criaram formas de sobrevivência que mantêm a paisagem natural e a água, produzem alimento e

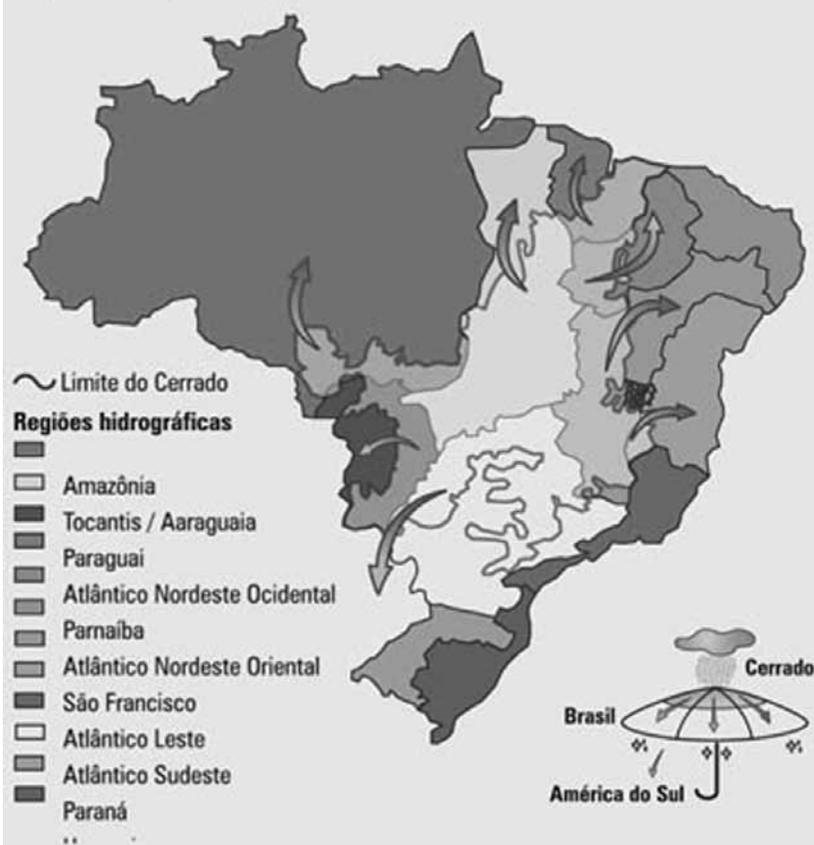
energia. Além dos conflitos com os camponeses, o avanço do agronegócio, das barragens, hidrovias, carvão e mineração, vivemos os dilemas do aquecimento global.

Neste contexto e conjuntura é que a CPT enfrenta o desafio de agir em defesa desse patrimônio. Os regionais: Bahia, Tocantins, Minas Gerais, São Paulo, Maranhão, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul vêm assumindo essa tarefa. Em Goiânia, nos dias 27 a 29 de julho, aconteceu o Fórum sobre Mudanças Climáticas no Cerrado, e o primeiro encontro das CPT's que atuam neste bioma. Tivemos a oportunidade de debater os problemas e desafios para essa imensa região. Avaliar questões de como a CPT poderá melhor contribuir para fortalecer a luta dos camponeses que resistem ao avanço dos grandes projetos. Que enfrentam e que constroem alternativas a esse modelo de degradação. Levantamos algumas questões. Como articular melhor as CPT's diante dos desafios desta realidade? Como articular as lutas já existentes e os diversos movimentos e grupos que já estão na caminhada? Como debater com a sociedade para acumular força para a construção de um projeto a partir das experiências dos camponeses?

#### Algumas ações foram definidas na reunião:

- debate e pressão política para a aprovação da PEC do Cerrado 115/95
- proposta de emenda constitucional que altera o 4º artigo da Constituição Federal, para incluir o Cerrado e a Caatinga entre os biomas considerados patrimônio nacional. Tramita há mais de 15 anos no Parlamento;
- encontro das CPT's que atuam no Cerrado em 2012;
- levantamento de dados sobre a situação atual do bioma;
- articulação com as redes e processos já existentes.
- propor à CNBB uma Campanha da Fraternidade sobre o Cerrado (2014/2015).

Figura 1. Representação da área contínua do Cerrado em relação às regiões hidrográficas brasileiras.



po uma região “inapta” ao “desenvolvimento”. Terras com pouca fertilidade e árvores tortas. Mas para isto, a academia e as empresas de pesquisa do Estado, deram conta, superando seus “limites”. Adaptaram as sementes, os insumos químicos/sintéticos e as máquinas. Além do crédito e infraestrutura para exportar a produção, garantidos pelos programas de desenvolvimento dos governos. Assim, com essa base técnica e política, em 40 anos de avanço do agronegócio no Cerrado, puxado pela criação de gado e o plantio de grãos, aliado à produção de carvão para as siderúrgicas de Minas Gerais, a destruição foi espantosa. Para dar exemplo, entre 2001 e 2004 a média anu-

\*CPT Minas – Projeto de articulação popular da Bacia do São Francisco – CPT/PPP

## VIOLÊNCIA

# Quilombolas do Maranhão: Resistência em meio a agressões e ameaças

ANTONIO CANUTO\*

O Maranhão vem se destacando no cenário nacional pelos conflitos envolvendo as comunidades quilombolas. Em 2010, dos 79 conflitos registrados pela CPT, 53 deles aconteceram no Maranhão envolvendo 4.315 famílias, do total de 7.446. A luta dos quilombolas ganhou maior visibilidade neste ano. Em junho, no dia primeiro, quilombolas acamparam em praça de São Luís. No dia 3, ocuparam o Incra exigindo solução para seus territórios e levantaram 59 nomes de ameaçados de morte. Como as negociações não avançavam, no dia 9, iniciaram uma greve de fome exigindo a presença da ministra dos Direitos Humanos. Com a garantia de que a ministra se encontraria com eles no dia 22, foram suspensas a greve de fome e a ocupação do Incra.

A ministra honrou sua palavra e no dia 22 uma comitiva do governo federal composta pelas Ministras de Estado Maria do Rosário (Direitos Humanos), Luiza Bairros (Igualdade Racial), Márcia Quadrado (Desenvolvimento Agrário, em exercício), o presidente nacional do Incra, Celso Lisboa de Lacerda e o presidente da Fundação Cultural Palmares, Eloi Ferreira de Araújo, reuniu com os quilombolas. As reivindicações dos quilombolas foram ouvidas e se apontaram algumas soluções. A Secretaria de Direitos Humanos já havia prometido que uma equipe de técnicos faria a análise dos casos dos ameaçados. Mas, até o encerramento desta edição, isso não aconteceu, aprofundando no povo a sensação de que tudo só fica em promessas.

Enquanto soluções não chegam os conflitos recrudescem. O caso que mais recentemente tem chamado a atenção é o de Pontes e Salgado, no município de Pirapemas, MA.

Conforme relatos de antigos moradores, a área chamava-se Data Aldeia Velha e pertenceu à família do escritor maranhense Manuel Viriato Correia Baima Filho. Com o fim da escravidão, ele mudou-se para o Rio de Janeiro, doando as terras aos negros e negras que os serviram como escravos.

Na memória oral dos negros há registro de uma visita do escritor Viriato Correia às terras onde nascera e naquela ocasião ele afirmou que ninguém nunca poderia tirá-los daquelas terras, pois ele as registrara na cidade do Rio de Janeiro (RJ) como TERRA DOS NEGROS DO POVOADO ALDEIA VELHA.

Com a chegada de migrantes, a partir dos 1930 - trabalhadores da ferrovia que cortou o território e migrantes do Piauí fugidos da seca - começou a haver mudanças na área. Uma das famílias de migrantes do Piauí acolhida pelo negros era a de Pedro Peta, que chegou com Moisés Sotero, seu genro. Este último comprou uma roça e aos poucos tomou para si toda a terra. Aliado aos políticos locais, começou a proibir os quilombolas de juntar coco babaçu e tomava parte da produção. Em 1982, um grupo de famílias decidiu reagir contra a usurpação de sua produção. Com isso a perseguição se intensificou. Houve proibição de acesso a fontes de água potável, matança de animais, destruição de roças, queima de casas, etc.

Com o apoio da Comissão Pastoral da Terra, as famílias que resistiam, solicitaram, ainda em 2010, ao Incra a regularização fundiária como área de remanescentes de quilombos. Também entraram com uma ação na Comarca de Cantanhede - MA solicitando o reconhecimento do Direito de Posse. Em liminar de 7 de outubro de 2010, o juiz, dr. Pedro Guimarães Brito, reconheceu este direito. Inconformados com essa decisão, os latifundiários passaram a ameaçar e derrubar as casas e incendiar as roças.

Em 2011, com mudança de juiz, o fazendeiro Moisés Sotero aproveitou para ingressar com uma ação de reintegração de posse. O novo juiz, Frederico Feitosa de Oliveira, recebeu a ação no dia 6 de julho de 2011, às 12:00:39 e em 24 minutos, às 12:24:51, a despachou favoravelmente ao fazendeiro, sem ouvir a outra parte e sem reconhecer o despacho do juiz que o antecedeu. Felizmente, o desembargador Paulo Velten, no dia 18 de julho, suspendeu os efeitos da liminar de reintegração de posse.

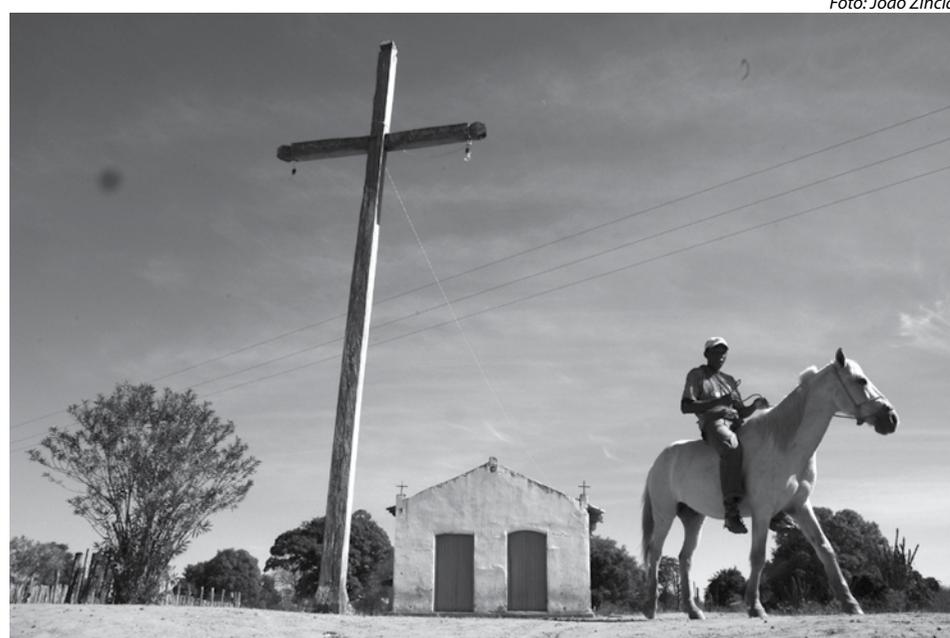


Foto: João Zinclar

## Agentes da CPT são ameaçados

O advogado da CPT, Diogo Cabral e o coordenador regional, Pe. Inaldo Serejo Vieira, que acompanham o caso na justiça, em 25 de julho foram à Comarca de Cantanhede para audiência no processo de manutenção de posse movido pelos trabalhadores contra os fazendeiros, que teve liminar favorável em 2010. Quando chegaram foram informados de conversas de latifundiários que diziam que “era um absurdo gente de fora trazer problemas para o povoado, que era uma vergonha criar quilombo onde nunca teve nada disso” (Numa referência ao padre, ao advogado e ao agente da CPT, Martin Micha, alemão naturalizado brasileiro que acompanha o dia a dia das comunidades quilombolas de Pirapemas) E arrematavam: “ É por isso que a gente

tem que passar fogo de vez em quando, que nem fizeram com a irmã Dorothy!”.

Não é só esta ameaça que atinge a CPT do Maranhão por sua ação junto aos quilombolas. A sede, em São Luís, foi arrombada e toda revirada, logo após a ocupação o Incra, no começo de junho. O escritório, em Pinheiro, foi arrombado de encontro com os quilombolas da Baixada Maranhense. O carro de agentes da CPT foi seguido várias vezes nas proximidades do quilombo Charco, em São Vicente Ferrer. Outras ameaças foram feitas através de ligações telefônicas. O objetivo é o de intimidar e tentar frear a ação da CPT junto aos quilombolas.

\*Setor de Comunicação da CPT Nacional.

Ao encerrarmos esta edição, os quilombolas do Maranhão, desta vez acompanhados por indígenas e sem-terra, voltaram a ocupar o Incra exigindo o que lhes foi prometido quando da visita da comitiva do governo federal ao estado. A continuidade das agressões e ameaças enchem de indignação os que acreditaram que o governo iria adotar medidas claras para as conter.

## PROTAGONISMO CAMPONÊS

# Semente crioula, primeiro passo para a libertação dos camponeses

HORÁCIO MARTINS DE CARVALHO

A Festa Camponesa da Semente Crioula de 2011 evidencia que os camponeses podem cuidar de si próprios, não precisam de tutelas, nem das grandes empresas nacionais e multinacionais, nem dos governos. Mostra que existe outra racionalidade, lógica ou jeito de produzir diferente daquele dominante - o da empresa capitalista - que tem como centralidade o lucro a qualquer custo, ignorando o bem-estar e a felicidade das pessoas e do povo.

A valorização das sementes crioulas ou nativas sugere que o jeito de produzir camponês tem suas particularidades, mesmo mergulhados na formação econômica e social capitalista. É uma maneira de produzir que afirma a biodiversidade. Tem na diversificação de cultivos e criações, no extrativismo em relação harmônica com a natureza, no trabalho familiar direto, na superação constante do trabalho penoso, na valorização das relações sociais de vizinhança e comunitárias, na geração de inovações tecnológicas a partir dos saberes camponeses aliados a uma crítica incorporação de múltiplos outros saberes, suas marcas de identidade. A ideologia dominante insiste em que a racionalidade capitalista é a única possível. A festa camponesa da semente crioula diz



Foto: João Zinclar

o contrário: nós temos outro jeito de produzir e de viver.

Os camponeses não devem abrir mão de decidir sobre o seu futuro, sobre as suas esperanças e sobre as utopias que os impulsionam. As empresas capitalistas multinacionais querem pensar pelos camponeses, decidir por eles e por suas famílias. Os camponeses podem ser pobres, mas não são idiotas, nem covardes. As empresas capitalistas querem separar os camponeses das suas condições de produção; querem dizer o que devem plantar, criar e como

realizar essas atividades; querem impor as suas tecnologias e seu modo de gerenciar as terras. Na verdade o que querem é que os camponeses adotem o seu modo de viver e de produzir, que esqueçam de ser felizes à sua maneira, que pensem apenas no lucro. Tudo isso porque não suportam nenhuma iniciativa que evidencie a diversidade nos modos de produzir e de viver na formação econômica e social brasileira. No fundo, desejam mesmo é roubar as terras camponesas, os obrigando a vendê-las por preços vis e os levando a migrar para as cidades. O que desejam é ter força de trabalho barata para fazer funcionar os seus negócios e ainda dizer que fazem favores.

O objetivo central das empresas capitalistas multinacionais como Monsanto, Bunge, Syngenta, Bayer, Basf e DuPont, para maximizarem seus lucros, é o de retirar dos camponeses o controle sobre as sementes crioulas, destruí-las, provocando uma imensa e mundial erosão genética, num atentado contra a biodiversidade. A estratégia dessas empresas é tornar suas sementes transgênicas as únicas disponíveis para os produtores. Desejam definir o que se deve plantar e o que se deve comer. Isso é um despropósito, um abuso, um desrespeito à história de luta e resistência social dos camponeses. Um desacato ao jeito de ser e de viver camponeses.

A semente crioula é o primeiro passo para a libertação dos camponeses da subal-

ternidade à forma de pensar capitalista. É um caminho para não mais dependerem das empresas capitalistas multinacionais, dos favores dos programas de governos e dos seus recursos que, como esmolos, se os ajudam num momento breve, mais adiante vão torná-los cativos dos seus favores.

Os camponeses não se negam a debater nem a rever seus procedimentos de produção. Mas desejam respeito e diálogo sobre o que são e para onde poderão ir. São portadores de uma cultura e sabedoria abertas ao diálogo, mas não à manipulação. O que desejam é a superação da subalternidade perante as empresas capitalistas multinacionais. Para isso é necessária uma ruptura ou superação do tradicional olhar camponês para o seu próprio mundo, no sentido de sair da perspectiva de contemplar apenas o casulo da sua unidade de produção e de sua comunidade, para vislumbrar um novo modelo tecnológico que tenha por base a autonomia camponesa.

Os camponeses não desejam a pobreza, o trabalho penoso, o isolamento dos meios de comunicação, a precariedade de acesso aos serviços públicos, o desconforto. Não negam o acesso ao mais moderno, ao que se supõe o novo, mas o querem com respeito pela sua liberdade de escolha. São contrários à imposição de pacotes tecnológicos que os oprimem, os fazem cativos de dívidas crônicas, de mudarem para onde e da forma como os outros querem. Querem ser sujeitos sociais da sua história. Não desejam e não deixarão que outros escrevam por eles a sua história social.

A construção da autonomia camponesa não é um apelo a uma 'utopia' não realizável. Ao contrário, é a projeção de que a melhoria pretendida na obtenção da renda líquida familiar e nas condições de vida pode ser alcançada. Ser camponês é estar construindo um mundo étnico, social e ecologicamente saudável para todos os povos. Estou convencido de que só o camponês liberta o camponês.

*Extrato da exposição realizada pelo autor em seminário durante a Festa e Feira da Semente, Mudanças e Raças Crioulas, promovida pelo Movimento Camponês Popular - MCP, em Catalão, GO, de 07 a 10 de julho de 2011.*



Foto: João Zinclar

## ARTIGO

# 5ª Semana Social Brasileira

PE. NELITO DORNELAS\*

A 5ª Semana Social tem como tema A participação da sociedade no processo de democratização do Estado – Estado para que e para quem? A 5ª Semana Social Brasileira retoma, de certa forma, e num outro contexto conjuntural, o filão da 2ª Semana Social intitulada “Brasil: Alternativas e Protagonistas” ou em termos populares, “O Brasil que temos e o Brasil que queremos”. O foco, entretanto, da 5ª Semana é, sobretudo, o Estado, enquanto da 2ª Semana era a Sociedade.

A justificativa da opção por esse tema da 5ª Semana deve-se ao fato de que ao longo das últimas décadas, o movimento social empreendeu várias iniciativas na perspectiva de democratizar o Estado brasileiro. Lutou contra o Estado autoritário, empenhou-se por um Estado que incorporasse as demandas populares, no processo Constituinte e, recentemente, início desse milênio, participou do processo eleitoral pela constituição de um governo popular em que o Estado fosse subordinado à sociedade e, sobretudo, a serviço dos mais pobres.

Em que pese e se considere avanços visíveis, o Estado brasileiro ainda padece de um distanciamento grande na resolução dos problemas estruturais da sociedade brasileira, particularmente aqueles referentes às áreas de saúde, educação, acesso à terra, urbana e rural, e à distribuição de renda. Por outro lado, percebe-se que o Estado continua conservador na sua forma de fazer política reproduzindo os vícios do autoritarismo e do clientelismo e de que a democracia representativa esgotou-se.

No Seminário de lançamento da 5ª Semana Social, por iniciativa da CNBB, realizou-se ainda um debate sobre Reforma Política, com participantes do Congresso que integram a comissão da Reforma Política. No debate ficou evidenciado que a proposta de reforma política em debate no Congresso – financiamento público e lista fechada – resume-se a uma reforma eleitoral e não política, e que a mesma está distante de abordar e incorporar as expectativas de mecanismos de exercício de democracia direta e participativa.

Nesse sentido, ganhou força entre os participantes a ideia de que apenas uma Assembleia eleita exclusivamente para esta tarefa terá legitimidade para realizar uma reforma política.

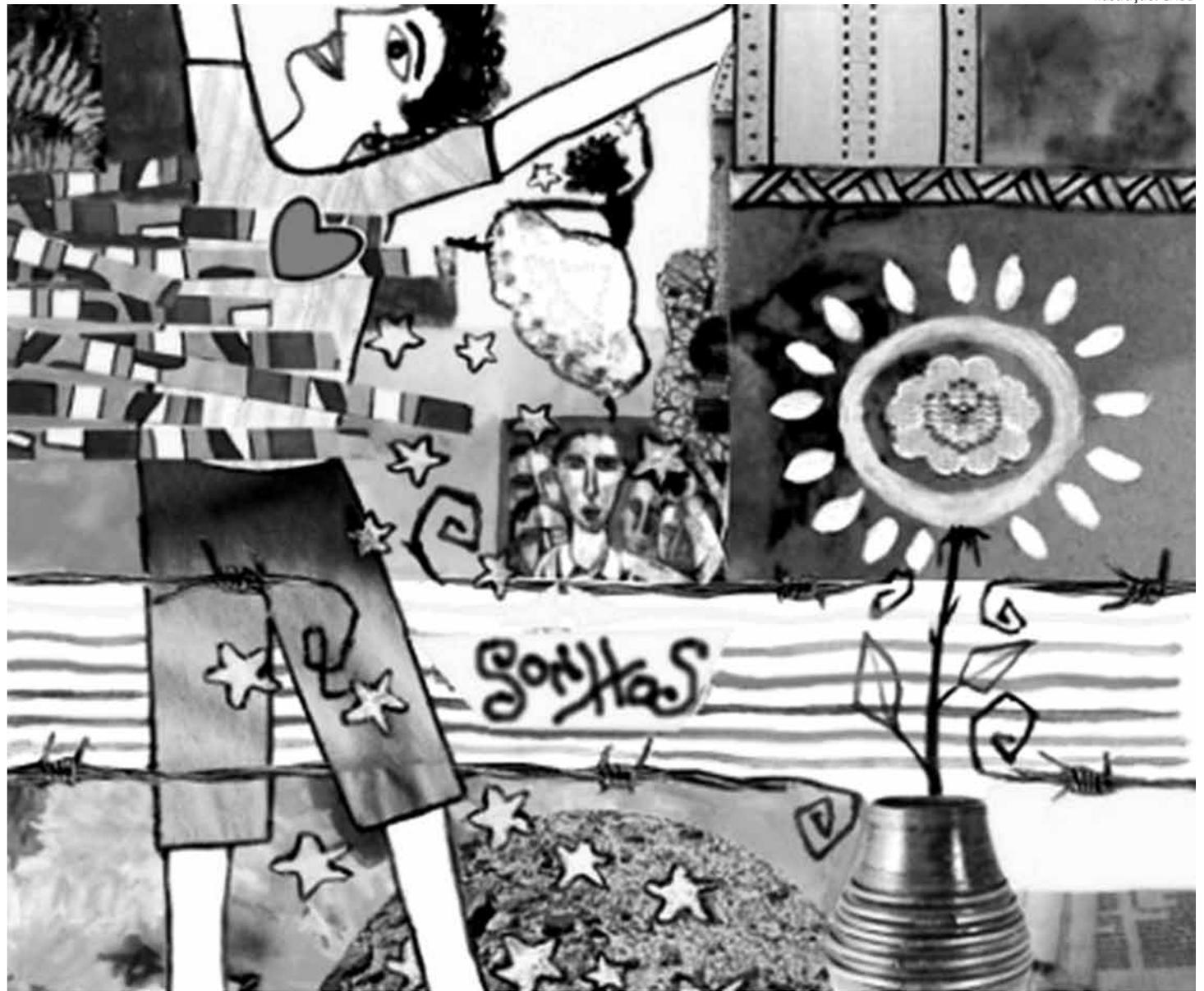


Ilustração: CNBB

Aprovada por unanimidade pelos bispos na 49ª Assembleia Geral da CNBB, a 5ª Semana Social é um convite à sociedade brasileira para se colocar na perspectiva do cristianismo libertário inaugurado pelo primeiro bispo destas terras latinoamericanas, Bartolomeu de las Casas, em Chiapas, que questionou profundamente o Estado que se pretendia implantar em nosso continente. Ele próprio afirmou, diante da rainha, que o verbo rapere (roubar) estava sendo conjugado aqui por todas as pessoas, em todos os tempos e todos os lugares. Compreendeu a dimensão social da eucaristia, que, celebrada com a apropriação das terras indígenas e de escravidão, era como sacrificar um filho diante do pai. Sendo ele um encomendeiro

(proprietário de índios), libertou os índios que se encontravam sob seu domínio, suspendeu a celebração da eucaristia e se empenhou na luta pela libertação dos indígenas espoliados e escravizados.

Hoje, a luta pelo Estado que queremos se inspira nos indígenas, sistematizado no ideal de uma sociedade do Bem Viver.

O Bem viver é sinônimo de “vida boa”, o que hoje denominamos de “qualidade de vida” e o Evangelho chama de “Vida em plenitude” (cf. Jo 10, 10).

Os povos tradicionais almejam transformar profundamente o modo de viver imposto pelo sistema capitalista. Priorizam a sacralidade da vida humana e de todos os seres vivos. Compreendem isso como

compromisso de viver de modo sadio, feliz e harmonioso consigo mesmo, com os outros humanos e com todos os seres vivos. Para os povos tradicionais, não é um ideal irrealizável e sim uma utopia possível que temos de construir.

Em conformidade com o que Jesus afirma: “Eu vim ao mundo para que todas as pessoas tenham vida e vida em plenitude” (cf. Jo 10, 10), a 5ª Semana Social Brasileira quer ser uma ocasião oportuna para repensarmos o Estado que temos e o Estado que queremos, considerando o Bem Viver como um critério espiritual e social.

\* Articulador da 5ª Semana Social Brasileira.

# Demonstração de fé: romarias e o país denunciam a d

CRISTIANE PASSOS\*

## ROMARIA DA TERRA REÚNE MAIS DE 8 MIL NO RIO GRANDE DO SUL

Mais de 8 mil pessoas participaram da 34ª Romaria da Terra, realizada no dia 8 de março, no Assentamento Roça Nova, município de Candiota, sudoeste do Rio Grande do Sul. Reunidos na estrada em frente à entrada do Assentamento, os romeiros marcharam cerca de dois quilômetros até o local onde foi celebrada uma missa, presidida pelo bispo de Bagé, dom Gílio Felício, e concelebrada por oito bispos. Após a missa os romeiros partilharam os alimentos e participaram de momentos culturais. A romaria foi promovida pelo Regional da CNBB do Rio Grande do Sul, pela Comissão Pastoral da Terra e pela diocese de Bagé. O tema “Do Clamor da Terra a Esperança da Vida” foi escolhido em sintonia com o tema da Campanha da Fraternidade, que discute “Fraternidade e a vida no planeta”.

## ROMARIA DA TERRA EM BOM JESUS DA LAPA DISCUTE MUDANÇAS CLIMÁTICAS

“Mudar o sistema, não o clima!”, este foi o tema da 34ª Romaria da Terra e das Águas que aconteceu de 8 a 10 de julho em Bom Jesus da Lapa (BA). Mais uma vez, romeiros de todos os cantos do estado estiveram reunidos partilhando experiências, lutas, respostas e esperanças. Nesta edição, as várias mudanças climáticas - esquentamento da terra, queda da qualidade do ar, ondas de calor, elevação do

nível do mar, derretimento de geleiras, enchentes, secas, entre outras - nortearam as reflexões da Romaria, cujo lema foi “Os pobres possuam a terra e nela se deleitem com paz abundante” (cf. Salmo 37,11). A Romaria deste ano foi uma continuidade da do ano passado, quando o tema foi o questionamento “Terra mãe, para onde vamos?” Diante dos graves e crescentes problemas que a humanidade causa ao planeta, a pergunta era um grito angustiado, mas também de esperança. Por isso, a romaria desse ano voltou a essa discussão, com a proposta: “mudar o sistema, não o clima!”

Roberto Malvezzi, o Gogó, assim sintetizou aos romeiros essas informações, “Podemos ter dificuldade de entender o que é o sistema, mas entendemos muito bem as mudanças que estão acontecendo com a terra e o clima”.

## NA BEIRA DO RIO ATINGIDO PELAS BARRAGENS, RONDÔNIA CELEBRA ROMARIA

No dia 10 de julho aconteceu em Rondônia a 9ª Romaria da Terra e das Águas, “A água e o verde, vida do planeta”, no distrito de Iata, em Guajará-Mirim, à beira do rio Mamoré. Em continuidade ao XII Intereclesial das CEB's de Porto Velho, a Romaria destacou a preocupação pelos cinco Gritos da Amazônia: a terra, as águas, as florestas, as cidades e as comunidades tradicionais. Hoje, os conflitos pela terra apresentam novos vilões, principalmente na Ama-

zônia, através da construção de grandes projetos, como as hidrelétricas. A construção de duas delas em Rondônia, Jirau e Santo Antônio, representa uma nova etapa e um novo ciclo econômico para a região. E como antes, indígenas,

Foto: CPT Lábrea



quilombolas, comunidades tradicionais e de ribeirinhos, também são os mais afetados. Das sete mil famílias afetadas por conflitos de terra em Rondônia em 2010, cerca de cinco mil foram atingidas pelas hidrelétricas do Madeira.

Segundo Zezinho Iborra, da CPT Rondônia, “muitos desafios continuam à nossa frente, porém a caminhada até as águas do grande Rio Mamoré, que junto ao Beni dá início ao Rio Madeira, nos enraizou na história dum povo que já sofreu a conquista dos portugueses; a construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré; o ciclo de exploração da borracha; a colonização e o êxodo agrícola; o garimpo do ouro e, agora, a construção das grandes barragens. Povo esse que luta e se dá as mãos contra os inimigos comuns, na defesa da Vida dos povos da terra, das águas e das florestas, em defesa da Mãe Terra e de nossos rios”.

## 6ª ROMARIA DA FLORESTA “TODA CRIAÇÃO GEME COM DORES DE PARTO”

A 6ª Romaria da Floresta se realizou nos dias 21 e 24 de julho, em Anapu (PA). Essa Romaria nasceu a partir do assassinato da missionária Dorothy Stang, em 12 de fevereiro de 2005. É um momento de profunda espiritualidade em que toda a comunidade unida caminha durante três dias, percorrendo 55 quilômetros entre a cidade de Anapu e o PDS Esperança, para reafirmar o seu compromisso com a luta pelo direito a terra e em defesa da floresta. A luta de irmã Dorothy permanece no interior do Pará, e os conflitos ainda são acirrados na região. O clima continua tenso na região. Em janeiro último, os moradores do PDS Esperança decidiram acampar em frente à entrada da reserva do projeto, como forma de impedir a extração ilegal de madeira apreendida pela Polícia Federal e pelo Ibama.

## ROMARIA DA TERRA E DA ÁGUA NO PIAUÍ

Nos dias 30 e 31 de julho realizou-se a 12ª Romaria da Terra e da Água do Piauí. A edição desse ano aconteceu na cidade de Campo Maior com a temática “Salvar a Terra e a Água é salvar a Vida”, em sintonia com o tema da Campanha da Fraternidade/2011, “Fraternidade e Vida no Planeta”. Trouxe para a reflexão da sociedade a perspectiva de uma mudança de comportamento e de atitudes diante do descaso e da falta de cuidado com a mãe Terra. A escolha do local foi extremamente simbólica, devido à questão do Açude Grande, área de lagoa natural que vem sendo modificada pela ação humana.

**FÉ, VIDA E COMPROMISSO: NO**

ROMARIAS

# Romeiros e romeiras em todo o Brasil lutando pela preservação do planeta

## CEARÁ, ROMARIA REÚNE MAIS DE 20 MIL PESSOAS

A 15ª Romaria da Terra, promovida no dia 7 de agosto, pela CPT Ceará, Regional Nordeste I da CNBB, aconteceu na Diocese de Itapipoca, com o tema “No Testemunho dos mártires: terra, água e dignidade”. A Romaria quis celebrar as lutas, as conquistas, a fé e a esperança do povo de Deus no Ceará. A atividade reuniu cerca de 20 mil pessoas. O evento denunciou “os investimentos do poder público no agronegócio, nos agrocombustíveis, na produção de energia, na mineração e na infraestrutura para o turismo que agridem o território, a cultura e a economia”, como destacou a Carta Final da Romaria. Durante a Romaria se divulgaram várias práticas de produção da agricultura familiar camponesa, de gestão sustentável dos territórios e de organização política de grupos, comunidades e movimentos populares.

## 13ª ROMARIA DA TERRA E DAS ÁGUAS DE SÃO PAULO: UM GEMIDO DE DOR, UM CLAMOR POR JUSTIÇA

A CPT São Paulo realizou no dia 21 de agosto, no Aterro Montovani, em Santo Antônio de Posse (SP), a 13ª Ro-

maria da Terra e das Águas do estado. Com o lema “um grito de dor, um clamor por justiça”, a Romaria teve como objetivo selar um compromisso comum rumo à sustentabilidade. À luz da Carta da Terra, os romeiros e romeiras foram chamados a partilhar de um supremo desafio para o futuro, “formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros, ou arriscar a nossa destruição e a da diversidade da vida”.

O tema foi escolhido por causa da contaminação de poços e do lençol freático pelos dejetos industriais acumulados no Aterro Mantovani. A contaminação se dava com 1,2 Dicloroetano, substância altamente cancerígena. A quantidade máxima aceita pelo Ministério da Saúde é de 10µ/L. Em um dos sítios foi encontrado de 144 a 166 µ/L. Foram constatados casos de câncer, infertilidade e morte por causa da contaminação das águas na região. Sem poder consumir a água de suas casas, os moradores recebem um caminhão de água por dia para abastecimento e nada mais. Segundo Andreina Vieira, da CPT São Paulo, “temos que gritar e dizer o mal que as empresas fizeram pro povo que mora próximo ao aterro. A água está contaminada e os moradores estão bebendo a água que

Foto: João Zinclar

algumas empresas, que ajudaram a contaminar, distribuem na região”.

## XV ROMARIA DAS ÁGUAS E DA TERRA DE MINAS GERAIS

Em um dia de clima fresco, com algumas nuvens encobrindo o sol, depois de uma semana de

missões – com mais de 100 missionárias/os - e de uma bonita noite cultural, na cidade de Almenara, no Vale do Jequitinhonha, sob a liderança da CPT e da Diocese local, aconteceu a 15ª Romaria das Águas e da Terra de Minas Gerais. Com o tema “Terra e Água: dádiva de Deus, garantia de vida” e com o lema “Lutas populares a serviço da vida no campo!”, cerca de 20 mil romeiras/os, caminharam no dia 28 de agosto. Dom Hugo Maria Van Stekelenburg, bispo da Diocese de Almenara, acolheu o povo com alegria como convidados em sua casa. Estavam presentes também, dom José Alberto Moura, arcebispo da arquidiocese de Montes Claros, MG e dom Aloísio Vital, bispo da Diocese de Teófilo Otoni. Na abertura da Romaria, irmã Letícia proclamou: “Deus salve a caminhada, Deus salve o povo em romaria! Salve os pés romeiros que pisam com ternura e sentem a força geradora de vida da mãe terra. Salve os ouvidos romeiros que escutam o clamor da águas, das nascentes, rios, córregos e riachos. Salve a teimosia profética das vozes que clamam por justiça!”

## XVIII ROMARIA DA TERRA E DAS ÁGUAS DE LÁBREA

No dia 28 de agosto aconteceu a XVIII Romaria da Terra e das Águas no município de Lábrea, AM organizada pela equipe local da CPT. O tema da Romaria foi: “Rios e Florestas ameaçados de morte. Os povos da Floresta preservam a vida do Planeta”. O tema

CRISTIANE PASSOS\*

está em sintonia com a Campanha da Fraternidade deste ano e teve como finalidade denunciar a continuidade do desmatamento, a pesca predatória, as queimadas, a poluição dos rios e lagos, com os consequentes conflitos sociais, como ameaças e morte de lideranças da região. A Romaria buscou apresentar e valorizar a experiência de vida alternativa dos ribeirinhos e povos indígenas da

Foto: CPT-MG



região, que nas suas áreas demarcadas (Reservas Extrativistas e Terras Indígenas) mostram como é possível viver do extrativismo e da agricultura familiar, sem acabar com a riqueza natural dos nossos rios e florestas. As atividades da Romaria tiveram início às 8 horas da manhã, congregando ribeirinhos, indígenas, trabalhadores rurais e membros das comunidades da paróquia. A caminhada seguiu até o Igarapé do Caititú (Terra indígena Apurinã), onde houve uma celebração da Eucaristia, almoço partilhado e uma alegre tarde de festa e confraternização.

\*Setor de Comunicação da Secretaria Nacional da CPT.

## ROMARIA DOS MÁRTIRES DA CAMINHADA

# “Podem nos tirar tudo, menos a esperança”

ANTONIO CANUTO\*

A Romaria dos Mártires da Caminhada, nos dias 16 e 17 de julho, em Ribeirão Cascalheira, MT, Prelazia de São Félix do Araguaia, reuniu pessoas de todos os cantos do Brasil e de países de nossa América e da Europa. Marcaram o ato os índios Xavante, Tapirapé, Guarani, Xucuru. A CPT teve uma presença destacada. Lá estavam pessoas da Secretaria Nacional e dos regionais de Mato Grosso, Minas Gerais, Tocantins, Amazonas, Rondônia, Goiás, Pará, Rio Grande do Sul e Paraná. Foi um grande momento de encontro e reencontros. E uma bela oportunidade de comunhão com tantos e tantas que conservam o espírito atento, aberto e comprometido com as lutas do povo, alicerçados no exemplo e testemunho de homens e mulheres que não temeram entregar a vida pela vida de muitos.

A Romaria dos Mártires realiza-se junto ao Santuário dos Mártires da Ca-



Foto: Douglar Mansur

minhada, construído próximo ao local onde tombou o Pe. João Bosco Penido Burnier, em 1976. Este santuário, único do gênero no mundo, tenta preservar a memória dos que deram sua vida pela construção do Reino de Deus. São índí-

genas, trabalhadores e trabalhadoras do campo, lideranças sociais, leigos e leigas cristãos das comunidades de base, religiosas e religiosos, padres, bispos. Todos e todas unidos pelo senso de justiça. O que importa não é a vinculação

religiosa, mas a entrega da vida na luta por um mundo do jeito que Deus quer, de igualdade, de fraternidade.

A Romaria dos Mártires da Caminhada ainda não penetrou no imaginário popular. Não reúne grandes massas. É uma Romaria, pode-se dizer, de militantes sociais e cristãos empenhados na construção de uma sociedade nova, justa, fraterna. Buscam neste encontro e manifestação, o revigoramento de sua fé, o alimento necessário para manter sua fidelidade aos compromissos com os mais esquecidos, numa realidade cada vez mais dominada pelos contravalores de uma ideologia que coloca os bens e o prazer acima de qualquer outra coisa; que coloca o indivíduo e sua satisfação pessoal acima do bem coletivo. A figura de Dom Pedro Casaldáliga, idealizador do santuário e das Romarias dos Mártires, lá estava em sua fragilidade, mas com uma fortaleza espiritual de dar inveja. Sua mensagem, ao final da Romaria, calou fundo no coração de todos.

## Mensagem de D. Pedro Casaldáliga:

“Possivelmente seja essa, para mim, a última Romaria pé no chão. A outra já seria contando estrelas no seio do Pai. De todo modo, seja a última, seja a penúltima, eu quero dar uns conselhos. Velho caduco tem direito de dar conselhos...”

A memória dos mártires, o sangue dos mártires, mais do que um conselho, é um compromisso que conjuntamente assumimos, ou reasumimos. São Paulo, depois de tantos dogmas que anuncia, tantas brigas teológicas, tantas intrigas por cultura, dá um conselho único: ‘o que eu peço de vocês é que não esqueçam dos pobres’; e eu o que peço de vocês é que não esqueçam a opção pelos pobres, essencial ao Evangelho, à Igreja de

Jesus. E esses pobres se concretizam nos povos indígenas, no povo negro, na mulher marginalizada, nos sem-terra, nos prisioneiros, nos muitos filhos e filhas de Deus proibidos de viver com dignidade e com liberdade.

Eu peço também para vocês que não esqueçam do sangue dos mártires. Tem gente, na própria Igreja, que acha que chega de falar de mártires. No dia em que se deixar de falar de mártires, deveríamos fechar o Novo Testamento, apagar o rosto de Jesus. Assumam a Romaria dos Mártires, multipliquem a Romaria dos Mártires, sempre, recordemos bem, assumindo as causas dos mártires. Pelas causas pelas quais morreram, nós vamos dedicar, vamos doar, e se for

preciso morrer, a nossa própria vida também...

E ainda uma palavra: há muita amargura, há muita decepção, há muito cansaço... Isso é heresia! Isso é pecado! Nós somos o povo da esperança, o povo da Páscoa. O outro mundo possível somos nós! A outra Igreja possível somos nós! Devemos fazer questão de viver todos cutucando, agitando, comprometendo. Como se cada um de nós fosse uma célula-mãe espalhando vida, provocando vida.

A Igreja da libertação está viva, ressuscitada, porque é a Igreja de Jesus. A teologia da libertação, a espiritualidade da libertação, a liturgia da libertação, a vida eclesial da libertação não é nada de fora, é algo mui de

dentro, do próprio mistério pascal, que é o mistério da vida de Jesus, que é o mistério das nossas vidas. Para todos vocês, todas vocês, um abraço imenso, de muito carinho, de muita ternura, de um grito de esperança. Esse canto ‘Viva a Esperança’ que seja a razão de nossa vida ... Podem nos tirar tudo, menos a esperança. Vamos repetir: ‘Podem nos tirar tudo, menos a esperança!’

Um grande abraço para vocês, para as suas comunidades.

A caminhada continua!

Amém, Axé, Awere, Saúde, Aleluia!”

## ARTIGO

# 50 anos de Mater et Magistra: Uma encíclica que deu impulso ao compromisso social da Igreja no Brasil

ANTONIO CANUTO\*

Em 15 de maio completaram-se cinquenta anos da Encíclica Mater et Magistra – Mãe e Mestra - do Papa João XXIII. Tinha como subtítulo: “Evolução da questão social à luz da Doutrina Cristã”. A encíclica, comemorando os 70 anos da primeira encíclica social, Rerum Novarum, de Leão XIII, queria apresentar uma leitura atualizada da Igreja sobre a nova realidade social, política e econômica do mundo, diante das rápidas mudanças que aconteciam. Sobretudo uma nova palavra sobre os novos problemas e desafios que se viviam a partir da Mensagem de Pio XII, em 1941, na comemoração dos 50 anos da Rerum Novarum.

O carisma de João XXIII se expressa nesta encíclica que vê a igreja como Mãe e Mestra. De acordo com o pe. José Oscar Beozzo, teólogo e historiador, que conce-

denar e recriminar. Acentua a participação dos trabalhadores e leigos como protagonistas da ação pela transformação das estruturas injustas nas esferas política, econômica e social. “Com isso rompe o estreito círculo do mundo eclesial”, diz.

Uma das grandes novidades da Mater et Magistra é que propõe “para levar a realizações concretas os princípios e as diretrizes sociais” o método do Ver, Julgar e Agir (235), proposto e praticado pela Pastoral Operária. O papa frisa: “Convém, hoje mais que nunca, convidar com frequência os jovens a refletir sobre estes três momentos e a realizá-los praticamente, na medida do possível. Deste modo, os conhecimentos adquiridos e assimilados não ficarão, neles, em estado de ideias abstratas, mas torná-los-ão capazes de traduzir na prática os princípios e as diretrizes sociais.” (236)

Um ponto da maior importância no

agrícola e dos trabalhadores do campo; o grito dos que passam fome; a dificuldade do acesso à terra para os que nela trabalham; os desequilíbrios entre a agricultura, a indústria e os serviços e ainda as injustas disparidades entre países desenvolvidos e países em desenvolvimento, vistas como grave ameaça à paz mundial.” O foco dado à questão agrícola parte do fenômeno do êxodo rural, mas se detém nas questões relativas à produção. Acentua o protagonismo dos trabalhadores, “Estamos convencidos que os protagonistas do progresso econômico e social e da elevação cultural nos meios rurais, devem ser os mesmos interessados, quer dizer, os lavradores”. (143)

## Repercussão da Encíclica no Brasil

Foto: João Ripper

A encíclica de João XXIII teve uma repercussão não imaginada no Brasil e provocou polêmica.

Lembra Beozzo que os textos pontifícios eram tradicionalmente publicados pela Editora Vozes. Mater et Magistra, porém, foi publicada também por editoras leigas, como a José Olympio, em dois formatos, um popular e outro em dois volumes, com amplos comentários. Foi transcrita na íntegra em jornais de grande circulação e foi mandada imprimir por sindicatos. O que mais chama a atenção, porém, é que edições foram financiadas por grupos diametralmente opostos no espectro político. De um lado Leonel Brizola, governador do Rio Grande

do Sul “empenhado em iniciar a reforma agrária no estado, face às hesitações e tergiversações do congresso nacional, onde a maioria conservadora bloqueava a sua discussão e aprovação”, mandou imprimir e distribuir largamente o texto.

De outro lado a encíclica foi publicada e distribuída pelo Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais, IPES, que sob uma fachada inocente de estudos sociais patrocinava a desestabilização do governo João Goulart. O IPES tinha ligações íntimas com a CIA e a embaixada norte-americana. Editoriais do jornal “O Estado de São Paulo” ressaltavam que Mater et Magistra consagrava a inviolabilidade do direito de propriedade e, por isso, condenava a reforma agrária. Em contraposição, 5.000 camponeses sem terra do Rio Grande do Sul, armavam um grande acampamento em terras públicas no município de Sarandi que o denominaram Acampamento João XXIII. Uma faixa dizia: “Somos cristãos. Queremos terra”. “Na prática - diz Beozzo - a Mater et Magistra deu vigoroso impulso à linha de compromisso social da Igreja do Brasil e, de modo particular, ao seu crescente engajamento nas questões relativas à reforma agrária, à sindicalização rural e à educação de base no campo”.

## Reação da CNBB

Na primeira reunião da Comissão Central da CNBB, depois da promulgação da encíclica, em 5 de outubro de 1961, foi emitida uma Declaração em que os bispos ressaltam o seu regozijo por esta encíclica “oportuna para o mundo e oportuníssima para o caso especial do Brasil”. A Declaração tratava especificamente da Igreja e o Meio Rural Brasileiro. A encíclica serviu de base e respaldo para esta Declaração.

Beozzo conclui que “no Brasil, a herança mais fecunda da Mater et Magistra encontra-se na criação e nos trabalhos da Pastoral da Terra, fundada em junho de 1975 e no documento da CNBB, maduro e inovador, em termos de doutrina social da Igreja, A Igreja e os problemas da terra (1980).”



deu uma longa entrevista à Revista online do Instituto Humanitas da Unisinos, em 24 de maio deste ano, o papa dá ênfase, porém, à Igreja como Mãe. Mãe que anima, corrige, ama em vez de reprovar,

campo econômico e social, segundo Beozzo, é que Mater et Magistra trouxe “para o horizonte da questão social, até então praticamente identificadas com a questão operária, os graves problemas do setor

primir por sindicatos. O que mais chama a atenção, porém, é que edições foram financiadas por grupos diametralmente opostos no espectro político. De um lado Leonel Brizola, governador do Rio Grande

## DIA DO TRABALHADOR(A) RURAL E MOBILIZAÇÕES

# 25 de Julho: Dia de quem cultiva a terra e luta pela vida

FREI PILATO PEREIRA\*

Popularmente se diz que o 25 de Julho é o “Dia do Agricultor”, mas em muitos locais se diz “Dia do Colono” e ultimamente se recupera um sentido mais original para quem trabalha no campo e se diz que é o “Dia do Camponês”. Na verdade o “Dia do Agricultor” é 28 de Julho, data instituída a partir do centenário da criação do Ministério da Agricultura, em 1960, por decreto do presidente Juscelino Kubitschek. Já a data de 25 de Julho, como “Dia do Colono” é uma homenagem aos “colonos” estrangeiros que imigraram ao Brasil no final do século 19 início do século 20.

Mas, hoje, quando se fala em agricultor, colono ou camponês, já se sabe que se refere ao pequeno agricultor, o homem e a mulher que trabalham na agricultura familiar e camponesa. E quando se refere aos grandes, os latifundiários e ruralistas, eles gostam de serem chamados de “produtores rurais”. E a imprensa frisa muito bem esta terminologia. De fato eles produzem e muito. Produzem, em primeiro lugar, a fome e a miséria porque roubam a terra de quem dela precisa. Produzem riqueza para eles. Os grandes não cultivam a terra, simplesmente arrancam dela o lucro.

Enquanto o pequeno agricultor, o co-

lono, o camponês cultiva a terra, semeando a boa semente para colher o pão de cada dia que alimenta sua família e nutre o Brasil, o dito produtor rural trabalha com dinheiro e na terra põe o transgênico e o veneno e colhe muito mais dinheiro. Você já viu um produtor rural produzir sem dinheiro? Ele usa dinheiro público para arrancar da terra mais riqueza para ele próprio. Mas o pequeno agricultor, que nem sempre tem recursos para cultivar a terra, trabalha na fé, na coragem e no amor.

Mas, a mulher e o homem que, com simplicidade, cultivam a terra, também são cultivados por ela e aprendem a lutar pela

sua dignidade e pelo respeito a vida. Quando pessoas simples e humildes se levantam do chão como plantas que querem florir, é porque a terra cultivou seus corações e mentes e aprenderam na vida que é preciso lutar para viver. Por isso, nesta data, é preciso enaltecer mulheres e o homens que, cultivando a terra, aprendem a lutar. 25 de Julho deve ser um dia para celebrar e lutar, porque a vida do pequeno agricultor, colono ou camponês é marcada pela luta, mas com muita mística e amor com a terra.

Agente da CPT-RS

Foto: César Ramos - CONTAG



## Mobilizações de trabalhadores do campo e da cidade marcam Jornada de Lutas

Nos dias 16 e 17 de julho, cerca de 70 mil mulheres camponesas, trabalhadoras urbanas, indígenas, quilombolas, ribeirinhas, pescadoras e feministas estiveram em Brasília (DF) para a Marcha das Margaridas. Enquanto a ponta da marcha, que acontece a cada quatro anos, chegava às portas do Congresso Nacional, na Esplanada dos Ministérios (DF), o final dela ainda estava no Parque da Cidade – que durante 48 horas se tornou a Cidade das Margaridas. As mulheres tomaram de assalto as principais artérias do centro de poder do país por “Desenvolvimento sustentável com justiça, autonomia, igualdade e liberdade”, mote da marcha. Histórias de lutas, regadas a lágrimas e risos,

compuseram a grande marcha. A ação traz a memória de mulheres que morreram na defesa de seus direitos. Margarida Alves, que durante 12 anos presidiu o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Alagoa Grande, estado da Paraíba, e contribuiu com a CPT de Guarabira é a patrona da Marcha. Margarida travou intensa luta contra a exploração, pelos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras rurais, contra o analfabetismo e pela reforma agrária. Acabou brutalmente assassinada pelos usineiros paraibanos, em 12 de agosto de 1983. A marcha trouxe também a Brasília a luta das mulheres contra os grandes empreendimentos, como a Usina Hidrelétrica de Belo Monte e a transposição do rio São Francisco.

## Via Campesina mobiliza 17 estados em jornada pela Reforma Agrária

A Via Campesina Brasil realizou protestos em 17 estados e em Brasília, na Jornada Nacional de Lutas por Reforma Agrária, que aconteceu em todo o Brasil nas últimas semanas de agosto. As principais pautas trabalhadas pelo Movimento referem-se à questão das dívidas dos pequenos agricultores, cujo valor chega a R\$ 30 bilhões, de acordo com o Ministério da Fazenda, e o contingenciamento do orçamento do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). Além da aprovação da PEC 438, conhecida como PEC do Trabalho

Esclavo, a proibição da liberação de uso das sementes Terminator, entre outras reivindicações. Em Brasília, durante a Jornada, foi construído um acampamento com cerca de quatro mil trabalhadores e trabalhadoras rurais de 23 estados e do Distrito Federal, nos arredores do Ginásio Nilson Nelson. No dia 24 de agosto, uma grande marcha com cerca de 15 mil pessoas, seguiu pela Esplanada dos Ministérios até o Palácio do Planalto, para pressionar o governo e chamar a sociedade para o debate sobre as pautas dos trabalhadores organizados.



## Direitos Individuais e coletivos seguem sendo violados na Guatemala

ROCIZELA PÉREZ\*

Nesse ano de 2011, até o momento, homens e mulheres indígenas e camponesas, de diferentes regiões do país, foram perseguidos, intimidados e assassinados por grupos do poder econômico e paralelo, que imperam na Guatemala. Camponeses e camponesas perderam a vida por defender sua terra e território, e tiveram que se deslocar para outras cidades em busca de trabalho. Durante o mês de março, uma série de despejos foram feitos pelo exército da Guatemala e por membros da segurança da empresa Chabil Utzaj, de propriedade de familiares do ex-presidente da repú-

blica Oscar Berger. Os despejados tiveram suas casas queimadas, cultivos destruídos e três camponeses foram assassinados, entre eles Antonio Beb Ac e Oscar Reis.

A problemática agrária e as graves violações aos direitos das comunidades indígenas, camponesas e latinas pobres, continuam no país guatemalteco. No mês de maio mais de vinte e cinco camponeses, entre eles duas mulheres e três menores de idade, foram assassinados na fazenda “Los Cocos”, em Petén, massacre que foi atribuído a integrantes do narcotráfico que impera na região. Os trabalhadores assassinados, eram camponeses que, por falta de emprego em sua região, aceita-

ram se deslocar para Petén e trabalhar, sem nem imaginar que nunca mais regressariam para perto de sua família. Nesse mesmo mês foi assassinado, quando se encontrava limpando sua roça de milho, o camponês Juan Raxl, presidente da comunidade Pollosolo, que está localizada na Serra do Lacandón, no nordeste do estado de Petén, onde em agosto último foram despejados cerca de 300 camponeses, sem argumentos concretos por parte de elementos das forças de segurança.

A morte de camponesas e camponeses inocentes em diferentes regiões do país tem aumentado vertiginosamente, já que não existem políticas e compromissos do governo

para resolver a problemática da fome, desnutrição, desemprego e pobreza, enfrentados por milhares de famílias guatemaltecas, e muito menos se vê vontade dos legisladores para aprovar leis que beneficiem a maioria da população, como a Lei de Desenvolvimento Rural Integral. Representantes de organizações integrantes da CLOC Via Campesina na Guatemala, condenaram as ações contra camponeses e camponesas, assinalando que a problemática agrária segue sem ser resolvida no país.

*\*Jornalista da CLOC – Via Campesina Centroamérica*

## Revolução social avança pelo Chile

ROCÍO ALORDA\*

Milhares de pessoas nas ruas foi o principal sintoma de mudança que o povo do Chile manifestou já há alguns meses, com uma série de mobilizações em massa, exigindo mudanças estruturais no país. Nos dias 24 e 25 de agosto realizou-se a primeira Grande Manifestação Nacional dos Desempregados, convocada pela Central Única dos Trabalhadores, CUT, que o Movimento Estudantil apoiou em massa, participando das diversas mobilizações ao longo do país, que reuniram cerca de 400 mil pessoas, e que serviu para reforçar a união entre estudantes e trabalhadores na luta por um Chile mais democrático.

Uma característica das mobilizações levantadas pelos estudantes secundários e universitários é que o que começou como a luta contra o lucro na educação, se converteu em uma batalha contra as desigualdades que, no Chile, foram geradas durante as últimas décadas pelo neoliberalismo ferroz instalado durante a ditadura. Esta



*Foto: Rocio Alorda*

briga por um país mais democrático e igualitário teve um apoio transversal da sociedade: trabalhadores, ecologistas, feministas, indígenas, camponeses, trabalhadores do cobre, todos apoiando os estudantes. “Algo muito importante para este movimento é que nós não estamos pela defesa ou reivindicações de caráter setorial ou gremial, porque

o que nós queremos construir com a educação é um novo projeto de desenvolvimento para o país”, assinalou na última Jornada Nacional do Desemprego, Camila Vallejo, porta-voz da Confederação de Federações de Estudantes de Chile, CONFECH.

O governo, neste período, apresentou três propostas que ainda não

satisfazem as demandas dos estudantes, e isto principalmente porque não assumem nenhuma mudança estrutural que se exigiu. “O povo chileno cansou disso e hoje em dia achamos que é necessário mudar o sistema político, mudar o sistema econômico, para que justamente a redistribuição do poder seja mais justa, a distribuição de riqueza seja mais justa e que tenhamos condições dignas para nos desenvolver como seres humanos”, assinala Camila Vallejo. O grande mérito do setor estudantil foi levantar o debate público e em massa de uma demanda que se arrasta há muitos anos: pôr fim ao lucro na educação e lutar por uma educação gratuita e de qualidade. Por agora a via proposta por alguns setores sociais e apoiada pela Confech é realizar um plebiscito – gerado a partir de uma assembleia constituinte - que permita à sociedade em seu conjunto decidir que tipo de educação querem para o Chile.

*\*Jornalista da Marcha Mundial de Mulheres (MMM) no Chile.*

## REFLEXÕES BÍBLICAS

## Os cupins que corroeram a estrutura da casa

SANDRO GALLAZZI\*

Na última edição refletimos sobre o esforço do povo de Deus para construir uma sociedade igualitária. Terminamos dizendo que esta experiência durou uns 150 anos. Depois tudo mudou por um conjunto de fatores que, como cupins, corroeram a estrutura da casa sem ninguém se dar conta. Ao vir uma tempestade, a casa caiu. Séculos depois, um olhar profético analisa esta história e a denuncia. A história de Gedeão nos ajuda a conhecer estas denúncias. (Juizes cap. 6 a 8)

### A. A velha mentalidade mágico-idolátrica

Nem todos haviam passado pela experiência do Egito, nem combatido com a mesma intensidade. Enquanto durou a luta, a memória de Javé impulsionou. Já quando o povo está na terra parece que Javé tem uma importância menor. Afinal de contas, Ele é um Deus guerreiro, do deserto, dos hebreus. Retorna então com força o velho culto a Baal, deus da terra de Canaã e que é o deus da chuva, do orvalho, da fertilidade da terra. Ao camponês agora não lhe interessa tanto a união em vistas à luta, mas a fertilidade em função da abundância e de seus depósitos cheios. A tentação do “armazém” e de Baal, seu deus, é grande, sobretudo quando as gerações passam e as velhas lutas ficam como coisas do passado. O primeiro passo para que Gedeão conquiste a vitória contra os inimigos, é recuperar a memória de quem é Javé e destruir o altar de Baal.

### B. O primeiro e o segundo touros

Se olharmos com atenção o texto, vemos que a casa de Gedeão tem algumas características significativas: está numa cidade, tem servos, tem touros. Não era um camponês pobre. É outro tipo de agricultor, mais rico, mais ligado ao comércio e ao armazém. Esta diferença de situação econômica vai acelerar o processo de desagregação. Os camponeses mais ricos, os que tem touros, mais tarde vão querer um exército fixo que defenda seus excedentes. (Saul, o primeiro rei, pertence a esta classe de camponeses, quase fazendeiros). São estes camponeses

que se rebelam contra Gedeão, que derrubou e queimou o altar de Baal. (É interessante notar como o capítulo 6 termina apresentando, ironicamente, um Javé que entende de chuva e de orvalho mais que Baal).

### C. Os inimigos do Oriente

Este é um fato externo importante. A terra de Canaã tem uma posição geográfica privilegiada. É a única terra fértil, circundada pelo deserto. É fácil compreender porque os povos do deserto buscavam os produtos de Canaã e invadiam as terras dos camponeses para saqueá-las. Uma situação constante de lutas para defender as colheitas, obrigava os camponeses - não havia exército fixo - a abandonar suas fer-

ramentas e a empunhar a espada. Derrotados os inimigos, voltavam ao campo. Isso cansou os agricultores, sobretudo quando os assaltantes não eram mais os beduínos mal armados do deserto, mas gente muito bem armada conhecedora da tecnologia do ferro, com carros e cavalos de guerra, que tomaram a Judéia e Samaria, sob seu controle durante quarenta anos. Eram os filisteus, inimigos eternos dos israelitas. A invasão filistéia foi a gota histórica que fez entornar o copo e levou à constituição de um exército profissional, sob o mando de um rei que foi Saul. Mas há algo mais.

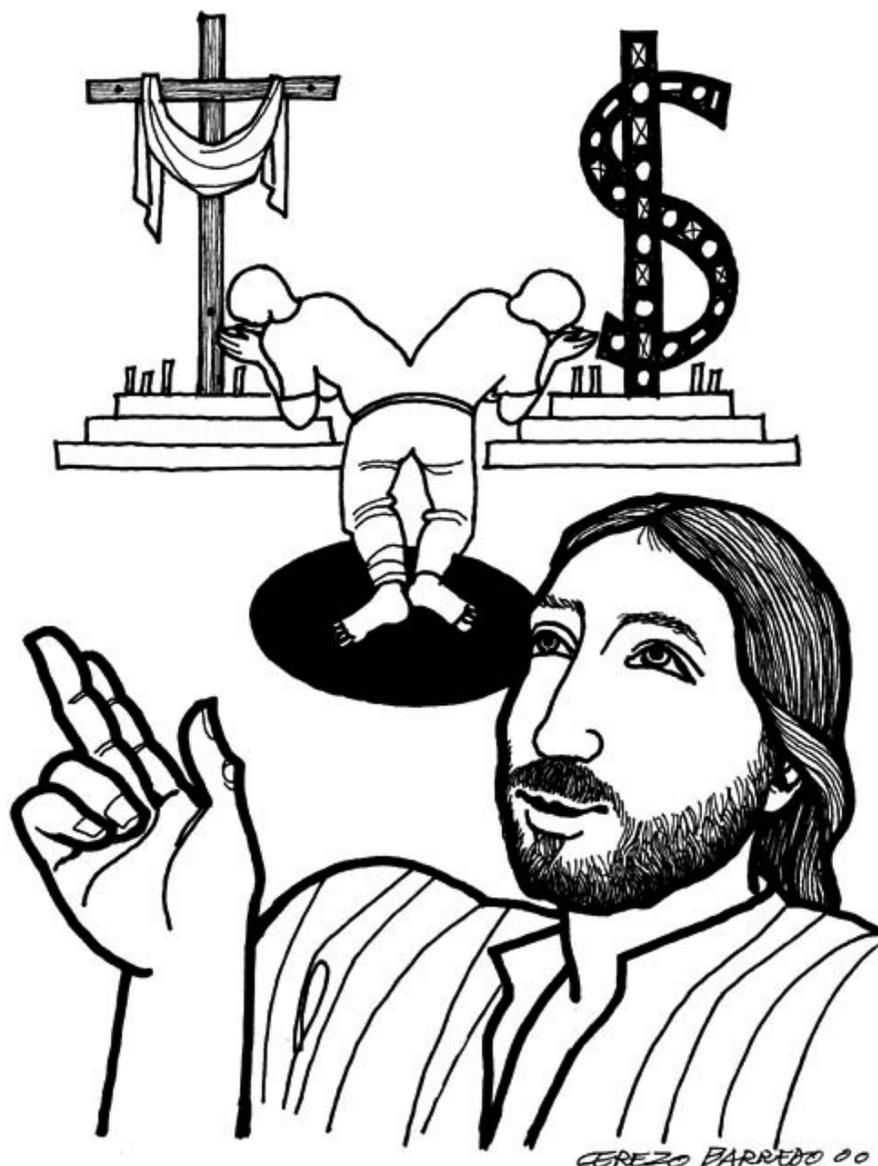
### D. O “efod” de Gedeão

O final da história de Gedeão é inte-

ressante. Sua vitória levou o povo a querer nomeá-lo rei. Ele não aceitou, mas em troca de sua luta quis ouro, vários quilos de ouro em doações espontâneas. Este ouro foi transformado em “efod”, um instrumento do tribunal para emitir o juízo de Deus quando não haviam testemunhas. Deus “julgava” através do “efod”, que continha pedras: uma branca que declarava inocência e uma preta que declarava culpa. Era a concentração de poder nas mãos de Gedeão. Daí a facilidade de “corromper o juiz”. Gedeão tinha uma casa grande, setenta mulheres e uma concubina em outra cidade. Gedeão concentra o poder econômico (ouro), político (efod) e social (mulheres). Ele não se deixa chamar de rei, mas ao filho de sua concubina o chama simbolicamente de Abimelec, que quer dizer “meu pai é rei”.

### E. Os sacerdotes que engordaram com as oferendas do povo

Agora não falamos de Gedeão. É outra denúncia, a dos que começam a usar a memória e o nome de Javé para legitimar abusos e dominação. É uma história sombria nas páginas finais do livro dos Juizes e nos primeiros capítulos do livro de Samuel. Uma história que fala de um culto violentamente arrancado do controle da casa e da mulher, para passar a ser controlado por levitas, sacerdotes, santuários, numa progressiva concentração do monopólio do sagrado. No centro desta história está a memória de uma mulher, transformada pelo levita em propriedade sua, entregue por ele a violadores para salvar-se a si mesmo, e cujo cadáver foi esquartejado pelo levita e usado para organizar uma vingança, na qual centenas de mulheres sofreram violência. É a luta simbólica entre o templo e a casa da mulher que sempre acompanhará a história bíblica. Um templo que, de um lado, usa o nome de Javé para violentar e para “engordar”: “Vocês engordaram com as ofertas do meu povo!”. Do outro lado, a casa da mulher, que conserva a memória do verdadeiro rosto de Javé, Deus da vida, do pobre, do aflito. É importante, ao ler estas páginas, escutar o cântico de Ana que proclama que nosso rei é o pobre. Nestas condições, depois de 150 anos, o povo quis um rei.



\* Agente da CPT Amapá.

## EXPERIÊNCIA

# Vazante (MG) - Município com o maior número de leitores do Pastoral da Terra

ANTONIO CANUTO\*

*O Brasil é muito grande  
Mas está em poucas mãos  
Quem não trabalha tem dinheiro  
O que trabalha não tem não.*

*Deus, quando fez o mundo,  
Não vendeu prá ninguém não  
Deixou prá todos nós  
Mas os ricos passaram a mão.*

*O presidente da Republica  
Bem pejeja prá ajudar  
Decretou Reforma Agrária  
Mas o pobre está a esperar.*

Estes versos publicados no Boletim Pastoral da Terra, edição do novembro/dezembro de 1976 são de Manoel Monteiro dos Santos, à época presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Paracatu, MG. Era a sexta edição do Pastoral da Terra que havia nascido um ano antes, em dezembro de 1975. Manoel participava das reuniões CPT e sempre se mostrou muito atento ao que a CPT produzia. Pode-se dizer que Manoel Monteiro é o maior divulgador do nosso Pastoral da Terra. Em Vazante, onde mora, e nos municípios próximos são mais de 300 assinantes, de longe a região brasileira com o maior número de leitores do Pastoral da Terra. Diz ele que se interessou pela publicação desde seu primeiro número e se interessa em divulgá-lo porque traz notícias que ajudam na formação da consciência crítica dos trabalhadores.

## Coccará – Cooperativa de Pequenos Agricultores e Assentados

Hoje, Manoel é presidente da Cooperativa Central de Comercialização, Agro-indústria e Reforma Agrária do

Noroeste de Minas Gerais Ltda. – Coccará Noroeste de Minas. A Coccará foi criada em 1995 e tem sua sede em Vazante, município pequeno de pouco mais de 19 mil habitantes. Está em processo a transferência da sede para Paracatu, a 108 kms. A Cooperativa tem em torno a 500 associados entre pequenos agricultores e assentados da Reforma Agrária, nos municípios de Vazante, Lagamar, Lagoa Grande, Paracatu, Guarda Mor e Unaí, todos no Noroeste de Minas. É vinculada ao MST. A Cooperativa tem se preocupado com a formação dos seus associados oferecendo-lhes diversos cursos de formação. Todos profissionalizantes. Também ajuda na comercialização dos produtos dos agricultores. Não atua como compradora e vendedora, mas ajuda a intermediar a comercialização direta entre o produtor e o consumidor. Se alguém busca algum produto, como queijo e outros derivados de leite, suínos, bovinos, etc, a Coccará o encaminha a um produtor que sabe que tem o produto. Também quando algum associado tem algo para vender, a cooperativa busca e indica o comprador interessado. O que a cooperativa comercializa diretamente são sementes, sobretudo de hortaliças

Atualmente a atividade principal está sendo o Viveiro de Mudas de palmito, pupunha e muitas espécies de árvores frutíferas. A proposta da cooperativa é a de fornecer para cada um dos assentados em torno a 5.000 mudas. Estão sendo produzidas 600 mil mudas e já há o pedido de 200 mil. No viveiro também estão sendo feitas mudas de plantas nativas que serão destinadas à recuperação de áreas degradadas. Outra atividade que a Coccará está começando a desenvolver é uma horta comercial, em Paracatu. A Coccará tem uma ampla sede, onde também se abrigam os movimentos, como MST, o MMC e outros.

\*Setor de Comunicação da Secretaria Nacional da CPT.

## Feira Camponesa Itinerante em Alagoas

A CPT de Alagoas realiza duas vezes ao ano, em junho e outubro, na Praça da Faculdade, em Maceió, a Feira Camponesa, que já se tornou tradição e faz parte do calendário cultural da capital, atraindo centenas de pessoas dos mais diversos segmentos sociais e de várias partes do Estado. Desde 2009, além desta tradicional feira, a CPT inovou criando a Feira Camponesa Itinerante. O objetivo desse formato itinerante é o de dar visibilidade aos resultados positivos da luta pela reforma agrária, ter um contato maior entre camponeses e a comunidade, e como decorrência, garantir a ampliação do escoamento da produção. A feira itinerante já aconteceu nos bairros de Salvador Lira (duas vezes), Bebedouro, Santo Eduardo e Pinheiro.

Outros bairros já solicitaram a realização da mesma.

Nos dias 11 a 13 de agosto último, o Bairro do Pinheiro recebeu pela segunda vez a Feira Camponesa Itinerante, que aconteceu no estacionamento da Igreja Batista do Pinheiro. Os agricultores do Assentamento Todos os Santos em Água Branca, participaram pela segunda vez desta versão itinerante e ficaram surpresos com a receptividade dos consumidores. E como em todas as feiras camponesas, não faltou na noite do dia 12 um animado forró com a apresentação do trio de forró pé de serra Nô Cego, que já se tornou tradição nas feiras camponesas. O Pastor Paulo Nascimento, da Igreja Batista, mostrou-se muito satisfeito com o evento, além de reafirmar o compromisso da Igreja com as causas sociais.

Foto: CPT Alagoas



## CULTURA

# O Boi Garantido, vencedor de Parintins, canta contra Belo Monte

PAULA PEREIRA\*

Na 46ª edição do Festival Folclórico de Parintins, que aconteceu entre os dias 24 a 26 de junho, O amo do boi Garantido, Tony Medeiros, deu um grito importante contra a construção da hidrelétrica de Belo Monte (PA). O Boi Vermelho trouxe como tema a “Miscigenação: Amazônia Brasileira Sempre”. Durante a apresentação do Boi Garantido no Bumbódromo, os versos usados pelo amo foram contundentes ao pedir que não destruam a vida existente naquela região do Xingu.

Envolvidas com o Boi Garantido, as mais de 15 mil pessoas que estiveram todas as noites presentes no Festival entoaram junto com Boi Garantido: “Da Amazônia pro mundo eu quero denunciar, o Rio Xingu do Kuarup o Homem quer represar e sepultar a Cultura, Nós não podemos deixar. O Rio Xingu é o Berço da Tradição Milenar. Acorda humanidade, pra defender com amor, o Belo Monte é o mundo do homem destruidor. Salve o Rio Xingu e tudo que Deus deixou! Salve o nosso planeta e tudo que Deus deixou! Salve o rio Xingu!”.

A decisão de abordar a temática expressa que as manifestações culturais e artísticas de um povo não se desvinculam das questões sociais e ambientais. Para Adima Monteiro, militante do MST no Pará, “perceber primeiramente a sensibilidade dos artistas que

vincularam a arte à questão social e ambiental e também dos jurados que, com certeza, ao julgarem também levaram em consideração o enredo, fortalece nosso desejo de justiça e ânimo para luta, ao ver que nossos gritos ecoam nas pessoas, nos movimentos e nas artes”.

O Festival Folclórico de Parintins é realizado todos os anos no último fim de semana de junho na cidade de Parintins, Amazonas. A Festa acontece a céu aberto, onde competem duas associações, o Boi Garantido, de cor vermelha, e o Boi Caprichoso, de cor azul. Durante três noites de apresentação, os dois bois exploram as temáticas regionais como lendas, rituais indígenas e costumes dos ribeirinhos através de alegorias e encenações. O Festival de Parintins se tornou um dos maiores divulgadores da cultura local e é considerado o maior Festival Folclórico da América Latina.

*\*Setor Comunicação de Secretaria Nacional da CPT*



Assine ou renove sua assinatura

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Exemplares: \_\_\_\_\_

Assinatura anual:

- Brasil ..... R\$ 10,00  
 Para o exterior ..... US\$ 20,00

Pagamento pode ser feito através de depósito no Banco do Brasil, Comissão Pastoral da Terra, conta corrente 116.855-X, agência 1610-1. Informações: [canuto@cptnacional.org.br](mailto:canuto@cptnacional.org.br)

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA

Secretaria Nacional: Rua 19, nº 35, Ed. Dom Abel, 1º Andar, Centro.  
CEP 74.030-090 – Goiânia, Goiás

CORREIOS  
Impresso Especial

9912277124 DR/GT  
COM. PAST. DA TERRA

IMPRESSO

VIA AÉREA